

EDITORIAL

ATO AI-CINTRA: FORA O MACARTISMO!

No Editorial do último **PUC viva** dizíamos que a questão que se põe agora é saber qual o rumo do Movimento. Afirmávamos que outros ataques viriam e que sem mobilização e respostas coletivas estaríamos nos submetendo à imperial decisão da biônica Reitora. Dizíamos que em nosso entendimento não é possível resistir pelos flancos ou tentar estancar o sangramento da democracia e autonomia universitária barrando decisões afluentes. Pois bem, ainda quando estávamos escrevendo aquele editorial já estava se produzindo no interior dos intestinos reitoráveis as próximas borras. - Ato 13/2013 - ou "vulgarmente" Ato AI-Cintra.

Concertinas, revista às mochilas dos estudantes, salas trancafiadas a sete chaves, onde apenas os funcionários da Graber estão autorizados a permitir o acesso, estas foram apenas algumas medidas que se deram como ensaio para desfechar o golpe final sobre a moribunda democracia puquiã.

O ataque que está sendo realizado com este ato, que colbe definitivamente a liberdade de manifestação e expressão na universidade, se caracteriza claramente como uma medida totalitária. Ainda mais grave, quando verificamos que o projeto desta Sra. Anna Cintra e seu grupo é tratar das questões como as drogas, a sexualidade, a violência com medidas de "segurança", se articulando para isso com a Secretaria de Segurança Pública, Polícia Militar e Conselhos de Segurança de Bairro - sabemos muito bem a que servem estas instituições - desfigurando o caráter educativo da universidade. A natureza acadêmico-pedagógica da escola, de formação e prevenção, foi definitivamente jogada na lata do lixo.

Estamos diante de uma "Rei-

toria" que se impõe pela força autoritária, desvirtua decididamente o papel da Universidade, típico dos grupos que, para impor o poder, usam de medidas repressivas, da censura e da proibição da livre manifestação, usam do recurso da ameaça e do medo. "Faça o que eu quero, caso contrário será punido!!"

É preciso desvelar/denunciar sem medos e enfrentar coletivamente e de forma mobilizada esse golpe, pois estamos diante da necessidade de não apenas defender a precária democracia puquiã, mas de denunciar os germes de um novo totalitarismo que anuncia tempos obscuros para as futuras gerações. Controlar, censurar, submeter a uma autoridade nossas manifestações e eventos na universidade é, no mínimo, criar um ambiente de desconfiança e medo. O nazismo e o social fascismo são produtos de um processo que construiu uma geração inteira submetida ao medo e ao terror. O silêncio significa a cumplicidade com esse processo.

A escola, pela sua natureza, é um lugar público (a escola privada é uma excrescência do capitalismo), uma vez que seu objeto de trabalho consiste na formação das futuras gerações, formação que se dá pela via da socialização do saber historicamente construído pela humanidade. O conhecimento é social, portanto ele deve ter o seu lugar na vida pública. E a escola é a instituição que, desde as revoluções burguesas, se constituiu nesse espaço público de expressão/produção e apropriação pelos sujeitos humanos desse saber social.

A universidade como uma escola deve preservar como sua função precípua esse lugar público do saber, por essa razão nas

salas de aulas, nas reuniões, nos diversos espaços da universidade estamos construindo manifestações públicas. Tornando o saber, o conhecimento, público em nossas declarações/apresentações sejam elas orais ou escritas.

O ensino é construído por professores, estudantes e funcionários, é coletivo, é social e a única forma de garantir a sua democracia é que todos aqueles que são sujeitos da formação possam manifestar o que pensam, opinar sobre todos os aspectos da vida social. Eventos públicos são parte da práxis uni-

versitária submetê-los ao julgo de uma autoridade, é condenar à morte o caráter pluralista da escola, é implantar uma forma de macartismo na universidade.

Diante desta realidade não podemos nos calar, não podemos silenciar, devemos de forma mobilizada e organizada dar a resposta necessária nessa situação: realizar um grande ato em defesa da liberdade de manifestação e expressão. Preparar o movimento para enfrentar os ataques que estão em curso com a única resposta possível: A GREVE!

P
R
O
F
E
S
S
O
R

26/2

TERÇA-FEIRA
das 17 às 19h30

Local a ser definido,
consulte em
apropucsp.org.br

ASSEMBLÉIA

- INFORMES
- ACORDO INTERNO
- AVALIAÇÃO E CONTINUIDADE DO MOVIMENTO PELA DEMOCRACIA NA PUC-SP

Professores decidem retomar luta contra reitora imposta

Reunidos em assembleia na quinta-feira, 21/2, os docentes da PUC-SP decidiram realizar um grande ato pela liberdade de manifestação e expressão, conjuntamente com alunos e funcionários, denunciando e repudiando o ato 13/2013, chamado de AI-Cintra pela comunidade puquiiana, com a participação de diversos setores da sociedade. A preparação para este ato deverá acontecer na próxima assembleia da categoria a ser realizada na terça-feira 26/2, das 17h às 19h30, em local a ser definido.

Os presentes avaliaram a situação da universidade e concluíram que não há razões para qualquer reunião entre a APRO-PUC e o cardeal arcebispo de

São Paulo para ouvir explicações de Dom Odilo para o fato da nomeação da professora Anna Cintra. Durante todo o período de mobilização e greve, no final do ano passado, Dom Odilo teve inúmeras oportunidades de abrir diálogo com a comunidade e não o fez. Ao contrário, por intermédio da imprensa, apenas preferiu apontar as razões legais de sua escolha.

Foram relatadas situações específicas de cada unidade como a do departamento de Jornalismo que, diante da gravidade da situação, optou pelo estado de greve, no qual os professores continuam suas atividades, mas direcionam as suas aulas para a discussão da situação da universidade. Nes-

se sentido também se decidiu pela realização de reuniões por Faculdades para discutir a situação da universidade e sensibilizar o restante da categoria para a necessidade de mobilização.

ACORDO INTERNO

Quanto à renovação do Acordo Interno de Trabalho a assembleia aprovou a proposta de renovar o acordo tal como está, com atualização de valores, porém decidiu-se não participar de reunião com a reitora Professora Anna Cintra para efeito da assinatura do documento sendo que a assinatura desse documento poderá ser encaminhada em separado pelas partes que o compõe.

A professora Bia Abramides também relatou a reunião com a Fundação São Paulo, mostrando a sua preocupação com o fato de o secretário-executivo padre Rodolpho Perazzolo questionar o desconto em folha da contribuição dos associados da APROPUC. A diretoria da entidade afirmou que tal procedimento vem sendo realizado há 37 anos e é previsto inclusive pelo próprio texto da Convenção de Trabalho do Sinpro-SP.

O secretário-executivo também adiantou que a FUNDASP pretende fazer nova proposta para pagamento da dívida de 2005, referente aos 7,66% não incorporados ao salário e que hoje está em discussão judicial.

PORQUÊ "FORA ANNA CINTRA"

Noites de terror na PUC-SP

Quem anda pelos corredores da universidade ou tenta conversar com seu colega de trabalho ou de classe, percebe as águas bravias em que a PUC-SP está navegando. O olhar conspiratório do funcionário que lhe conta uma informação, mas que logo em seguida retruca: "Mas se você disser que fui eu, eu nego!". A palavra titubeante dos Conselheiros Acácios de Plantão: "Fica esperto no que você diz". As opiniões em círculos de professores nos Conselhos de Faculdade. Professores que optam por escrever artigos com pseudônimo.

Uma universidade que sempre prezou sua conduta pela denúncia das arbitra-

riedades e ousadia de suas posições hoje enfrenta a censura e a perseguição com atos ameaçadores, concertinas de arame farpado cercando suas portas, tendo como principais interlocutores o Conselho de Segurança do bairro e a polícia.

Até quando a universidade conviverá com este estado de coisas? Até quando a educação continuará sendo um caso de polícia?

PS: Ao tentar fotografar a cena ao lado o repórter fotográfico do **PUCviva** foi barrado por um segurança da Graber que alegava que todas as fotos tiradas dentro da universidade teriam de ser autorizadas pela Reitoria, porém o fotógrafo cumpriu com sua missão jornalística



Vergonha de ser PUC - Entre a Prainha e a quadra a odiosa presença de arames farpados

PUCviva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira, 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua João Ramalho, 182, 7º andar – Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 – **Correio Felizmente:** pucviva.jornal@uol.com.br – **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Roberto de Oliveira, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victoria C. Weischtordt

Calourada unificada recebe estudantes e discute "Fora Anna Cintra"

Na semana passada, quando a PUC-SP voltou de vez à sua dinâmica cotidiana, os ingressantes na universidade foram recebidos por mais uma semana da calourada unificada de diversos cursos da pontifícia.

Na segunda-feira, 18/2, aconteceram atividades específicas de casa curso, com aulas magnas e apresentações de centros acadêmicos, atléticas esportivas e baterias. No dia seguinte, dois debates ocorreram, nos períodos matutino e noturno. Primeiro, "as questões do gênero" foram debatidas com a presença da Sempreviva Organização Feminista e de grande número de membros da comunidade. Depois, foi a vez da "importância do movimento estudantil" entrar em discussão na calourada.

"As cotas e as questões raciais" foi o tema da atividade de quarta-feira, 20/2, pela manhã, enquanto "as bolsas de estudos e o ProUni" estiveram em pauta à noite. Durante a mesa de debates, composta pelo estudante

de jornalismo e membro do coletivo Prouni-se, Bruno Matos, pelo ex-puquiano Jefferson Paiva, que escreveu seu trabalho de conclusão de curso sobre o Prouni, e pelos professores Wilson Almeida e Fabiana Costa, que fizeram seus doutorados sobre o tema, a caloura de Direito Thainá Campos falou sobre a experiência que viveu na USP. Segundo a estudante, mesmo com os programas de bolsa que facilitam o acesso,

a permanência dos bolsistas é difícil tanto nas universidades públicas quanto privadas, em função de fatores como transporte, xerox, alimentação e livros que não são levados em conta nos programas de permanência estudantil.

Já na quinta, 21/2, os debates giraram em torno da concepção de universidade que impera hoje na educação brasileira e na PUC-SP.

A calourada unificada desse ano teve três semanas

de atividades, acontecendo antes e depois do carnaval, e se encerra essa semana com uma aula magna na segunda-feira, 25/2, e com uma assembleia geral dos estudantes na terça-feira, 26/2, para discutir os rumos do movimento "Fora Anna Cintra", agora com mais medidas autoritárias sendo impostas pela Reitoria. As atividades acontecerão em dois períodos, a partir das 9h30 e das 19h30, ambas na Prainha.



Esq. para dir.: Wilson Almeida, Fabiana Costa, Jefferson Paiva, Bruno Matos e Thaina Campos

ASSEMBLEIA DOS ESTUDANTES

26/2

TERÇA-FEIRA

9h30 e 19h30 na Prainha

Continuidade do movimento

Livro debate mortos e desaparecidos na Ditadura Militar

Na quarta-feira, 20/2, o livro "Onde está meu filho?" teve sua segunda edição lançada em audiência pública da Comissão Estadual da Verdade Rubens Paiva, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. A 6ª audiência pública da comissão aconteceu justamente no dia em que Fernando Santa Cruz, desaparecido durante a Ditadura Militar, completaria 65 anos de idade. O livro foi escrito e organizado por Chico de Assis, Cristina Tavares, Jodeval Duarte, Gilvandro Filho, Glória Brandão e Nagib José Jorge, e narra a saga de Dona Elzita Santa Cruz, mãe de Fernando, em busca de seu filho, após seu desaparecimento em 23 de fevereiro de 1974.

O ato contou com a presença de Adriano Diogo, deputado estadual pelo PT, Rosalina Santa Cruz, professora da PUC-SP do curso de Serviço Social e irmã de Fernando, Marcelo Santa Cruz, vereador da cidade de Olinda pelo PT e irmão do desaparecido, Manuel Moraes, relator do caso em Pernambuco, Chico de Assis, representando os organizadores do livro, Amelinha Teles, militante dos Direitos Humanos, e Otto Filgueiras, jornalista.

RECONSTITUIÇÃO

Amelinha Teles deu início ao evento lendo o memorial de Fernando Santa Cruz. O ativista da Ação Popular Marxista Leninista



(APML) era natural de Recife e desapareceu poucos dias após completar 26 anos. Em um sábado de Carnaval, o militante saiu da casa do irmão, Marcelo, para encontrar seu companheiro Eduardo Collier Filho, avisando que, caso não voltasse até determinado horário, teria sido preso pelos militares. Mesmo com as diversas tentativas dos familiares em procurar Fernando e, após determinar seu paradeiro, tentar libertá-lo, apelando inclusive a instituições internacionais, Fernando nunca voltou à liberdade. Segundo pronunciamento oficial dos militares, Fernando e Eduardo encontravam-se foragidos e clandestinos, e não presos. Os arquivos encontrados no DOI-CODI/SP mostram



No alto, os presentes acompanham a leitura do memorial de Fernando Santa Cruz. Abaixo, o livro "Onde está meu filho?".

que não apenas os jovens estavam detidos, mas também foram torturados e seus corpos incinerados nos fornos da Usina de Açúcar Cambayba, localizada no município de Campos, no Rio de Janeiro.

Rosalina, em seu pronunciamento, exibiu um vídeo feito em homenagem à sua mãe, Elzita, que, com 99 anos e moradora de Recife, não compareceu ao evento em São Paulo. O vídeo tra-

zia depoimentos de amigos, colegas e familiares de Fernando e Eduardo, além de diversas aparições públicas de Dona Elzita, inclusive em eventos com o ex-presidente Lula. Após os depoimentos em vídeo, Rosalina pediu mais atenção às diversas Comissões da Verdade que se formaram pelo Brasil e justiça a todos os que foram torturados, perseguidos e mortos durante os anos da Ditadura Militar no país.

FALA COMUNIDADE

Jonas, um exemplo de integridade

Quem frequenta o TUCA se lembra de Seu Jonas. Sempre de terno e gravata, impecável na aparência e na retidão de caráter. Recebia as pessoas com um sorriso antes de receber o ingresso do teatro. Seu Jonas estava afastado do trabalho há mais um ano em virtude de um AVC e, no sábado, 16/2 faleceu.

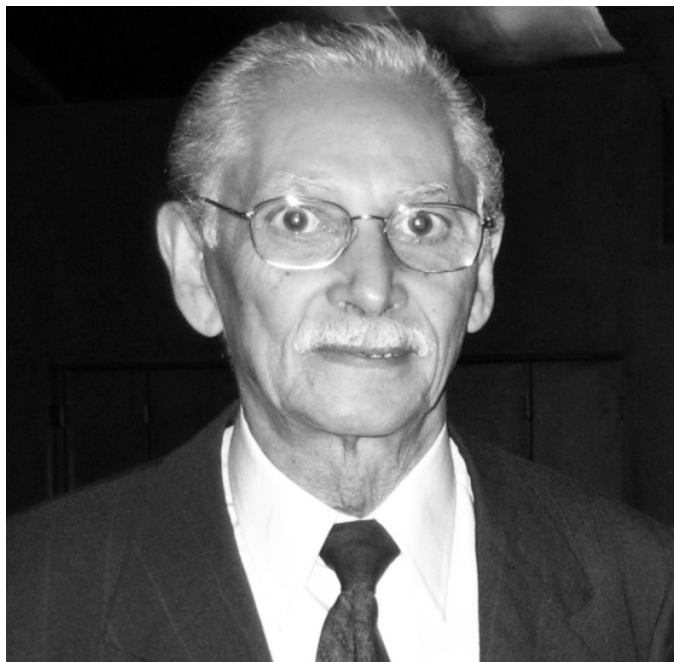
Gostávamos muito dele e recebemos com tristeza a notícia de sua partida, mas, ao mesmo tempo, sabíamos que seu sofrimento era muito grande desde que não pode mais falar e mal esboçava um sorriso aos que o visitavam.

Queremos lembrar aqui, com gratidão, sua dedicação, seu esforço, mesmo já enfraquecido, para cumprir suas obrigações e desta forma demonstrar seu amor pela PUC-SP. Na ocasião em que

houve o plano de demissões voluntárias e sabendo de sua condição física, chamei-o para explicar da proposta que estava sendo feita. Poderia ser interessante, dada a sua idade, porque mantinha o plano médico. E ele me disse: "Professora, por vontade própria, não sairei do TUCA. Se a PUC-SP julgar que deve me despedir, aceitarei com todo respeito, mas aqui é minha segunda casa. Nunca vou pedir para ir embora. Quero continuar."

Fazia com orgulho seu trabalho e era festejado pelos artistas que já o conheciam e principalmente pelos grupos que vinham em excursão. Frequentadores costumeiros para quem Seu Jonas já era um amigo.

A presença afável de Seu Jonas era emblemática, representava o estilo TUCA



de receber as produções e o público, sempre procurando oferecer o melhor serviço. A equipe continua e com certeza realizando com o mesmo esmero e dedicação

suas funções, mas hoje com muita saudade de um grande homem.

Ana Salles Mariano, superintendente do TUCA

Nota de repúdio ao trancamento das salas do curso de Serviço Social

O Centro Acadêmico de Serviço Social vem por meio desta representar os estudantes do curso e publicizar sua reivindicação para que as salas de aula do curso - localizadas no andar térreo do prédio novo - voltem a permanecer destrancadas, para o devido uso da comunidade acadêmica.

Recentemente, presenciava-se nesta universidade decisões que raramente evocam o sistema democrático. Decisões arbitrárias de natureza autoritária, controladora e elitista tem sido infligidas sobre a comunidade

acadêmica, como o uso de arame farpado nos portões de entrada da universidade, além do fechamento de turmas de cursos históricos.

É sabido pelos estudantes que as referidas salas foram devidamente reformadas e equipamentos de multimídia foram instalados nelas para garantir melhores condições de ensino aos estudantes, mas se mostra um contrassenso o fato de que a melhoria das salas implica na impossibilidade de usá-las.

Acreditamos que deva haver cuidado com os novos materiais de multimídia que

foram instalados na sala e que há equipamentos de segurança próprios que podem ser adquiridos e instalados, a fim de garantir a manutenção em bom estado dos aparelhos. Soluções como estas permitiriam a confluência de interesses: de um lado, a garantia da segurança do equipamento; de outro, o usufruto das salas fora do período de aula.

Informamos ainda que a problemática quanto ao atual trancamento das salas foi agravada pela pintura recente ocorrida nas salas que causou o desenvolvimento

de quadros alérgicos em grande parte dos estudantes.

Lembramos também que uma característica determinante da excelência do ensino na PUC-SP, dá-se pela garantia de uso coletivo dos espaços públicos da universidade, que tem sido alienada da comunidade acadêmica.

Vale lembrar também que resta aos estudantes poucos espaços para estudo dada à inexistência na universidade de espaços

continua na próxima página

continuação da
página anterior

Porque não votarei em Dom Odilo para Papa

Profª Adelaide do Julinho

adequados para a realização de trabalhos em grupo, uma vez que na biblioteca exige-se silêncio, o Pátio da Cruz possui poucas mesas e um parco acesso ao wi-fi e as demais salas, que permanecem abertas, são de uso preferencial de outras turmas que as ocupam. Lembramos ainda que, outras áreas importantes ao convívio dos estudantes e garantia da vida comunitária, como a Prainha e os Centros Acadêmicos, também não comportam essa demanda.

Por fim informamos que esta situação representou para o curso uma perda significativa e inestimável que provoca o comprometimento do nosso projeto pedagógico ético-político.

Em discussão com outros cursos, descobrimos que esse não é um problema que atinge somente a nós, já que toda a Comunidade Universitária vem sofrendo as consequências da precarização do ensino e do espaço, do aumento das mensalidades, da maximização dos contratos do corpo docente e dos cortes arbitrários nos cursos.

Sendo assim, vimos por meio desta reforçar nossa demanda pelo imediato destrancamento das salas de forma a restituir um espaço de aprendizado condizente com as necessidades do curso e alinhado com nosso projeto pedagógico ético-político.

Esperamos que esta questão seja resolvida até o recesso de carnaval de forma que possamos manter nosso diálogo através de vias institucionais.

Passado o Carnaval, estou exausta, não me pergunte por quê. Mas vou te contar uma coisa: na quarta-feira de cinzas estava distraída e comecei a arrumar minhas malas. "Óba, vai ter eleição em Roma! Vou participar!", pensei. Afinal, sou católica (mas já fui mais) e provavelmente vão querer meu voto.

Por sorte, minha lombriga filósofa deu um tranco em meus neurônios e eles voltaram a seu fulgor habitual. "Tolinha, tu não vota pra papa, tu é muíe", disse ela, em seu dialeto peculiar. Ah, é: também não posso ser sacerdotisa católica, nem me interessa, embora ache que, quem quer, deveria poder (entendeu?).

Após o choque de realidade, ainda assim, comecei a imaginar, só de brincadeira. Me imaginei vestida de cardeal, aquele luxo de roupa vermelha e sapatinhos idem, quem sabe um brinquinho discreto, um perfuminho... Daí, pego a cédula, escrevo um nome que não revelo a ninguém (segredo meu, ué; quem não tem?), deposito na urna e volto pro meu banco, na torcida para que meu candidato seja eleito.

Em todo caso, eu declaro em quem não votaria. É em Dom Odilo. Sendo mulher e não podendo eleger um papa, mesmo que meus devaneios se tornassem reais, eu não votaria no arcebispo de São Paulo. Nem recomendo seu nome aos outros 117 eleito-

res (ou seriam 116? Não sou boa de conta). Isso por vários motivos.

Primeiro porque o sorriso dele me assusta. Parece que Dom Odilo não sabe sorrir, não está acostumado. E basta de papa sisudo. Pode ser intuição feminina, não faço questão de estar certa, afinal me enteneço com homens de olhos azuis.

Segundo porque não me convence o argumento da mídia (essa mídia que não sabe onde a galinha põe o ovo...) de que esse senhor de quem estou falando é um candidato forte porque é arcebispo da maior diocese do mundo, ou da América Latina, sei lá. Isso não quer dizer grande coisa: ele foi eleito? Por quem? Quem o promoveu não foi o papa renunciante? Os/as fiéis aprovam seu trabalho? Os padres estão satisfeitos com ele? "Então esse argumento não vale, precisa de um treco assim mais qualitativo, né?", complementa minha lombriga filósofa.

Terceiro motivo. A pedrinha no caminho, que sempre tem uma, como escreveu Drummond. Essa pedrinha se chama PUC-SP. Se aqui fosse feita uma sondagem do predileto da comunidade universitária para o cargo de papa, o grão-chanceler jamais seria eleito. Aliás, como atividade para o retorno às aulas e como parte da campanha "Renuncia Anna Cintra", proponho isso mesmo: uma urgente eleição para papa!

Eu, pelo menos não votaria no chanceler. Basta ver a falta de espírito democrático

que ele manifestou ao impor a terceira colocada na cadeira de reitor, ao desconhecer olímpicamente as decisões do Conselho Universitário bem como a voz dos corredores e das rampas (nunca vi tanto gatinho junto). Como disse um amigo, "se és fiel no pouco, no muito te porei". Pois foi o contrário. Se esse senhor agiu assim no pequeno, que dirá no grande?!

Bom, fico por aqui porque está na hora da cabeleireira. Só deixo mais um devaneio. Já imaginou se a eleição dos cardeais apontasse uma lista tríplice com Dom Odilo em primeiro lugar e Deus, que é feminino e brincalhão, escolhesse para papa o terceiro colocado, um cardeal bem aberto e afetuoso, à imagem e semelhança de Ele/Ela? Só que Deus, que não tem religião, não precisa de papas (exclusivamente, ao menos) para ajudar a humanidade a salvar-se. Então, tanto faz.

A filósofa que habita minhas entranhas aplaude.

Adelaide do Julinho é, claro, um pseudônimo. Sou mulher e, portanto, não sou boba. Evoé, Chico Buarque!

Nota da redação: O artigo acima reflete com clareza o clima de terror vivido hoje na PUC-SP. Não temos por hábito publicar artigos sem assinatura. Porém, sabedores da procedência da opinião e do clima de perseguição implantado na universidade, não titubeamos em publicá-lo, na esperança de que "Amanhã vai ser outro dia..."

MOVIMENTOS SOCIAIS

Fazendeiro confessa assassinato de jovem Guarani Kaiowá

O fazendeiro Orlandino Carneiro Gonçalves, de 61 anos, confessou ter atirado no adolescente guarani-kaiowá de 15 anos, Denilson Barbosa. O corpo do jovem morador da aldeia tey'ikue, localizada na área indígena Caarapó, em Caarapó (MS), a cerca de 50 quilômetros de Dourados (MS), foi encontrado no domingo, 17/2, em uma estrada que separa a aldeia de algumas fazendas. O proprietário da fazenda Sardinha se apresentou na delegacia de Caarapó e confessou a participação no crime. De acordo com o delegado, Gonçalves estava acompanhado de sua advogada, prestou depoimento e foi liberado em seguida. Conforme o coordenador

substituto do escritório da Fundação Nacional do Índio em Dourados, Vander Aparecido Nishijima, as primeiras notícias davam conta de que Denilson Barbosa saiu para pescar com o irmão mais novo, de 11 anos, e outro índio, no sábado, 16/2, à tarde.

Segundo o testemunho dos dois índios que acompanhavam Barbosa, os três foram abordados por homens armados quando passavam próximo a um criadouro de peixes. Os dois índios disseram também que os três homens atiraram. Na fuga, Denilson teria ficado preso em uma cerca de arame farpado, foi alcançado pelos pistoleiros e agredido.

Revoltados, parentes do adolescente e moradores da

aldeia ocuparam a fazenda onde o crime teria ocorrido e enterraram o corpo de Denilson. Os índios já reivindicavam a área onde, hoje, o fazendeiro cria gado e planta soja, como sendo território tradicional indígena, parte do antigo tekoha (território sagrado), ocupado pelos kaiowás muito antes da expulsão de comunidades indígenas, ao longo do século 20.

De acordo com o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), a comunidade reivindica a presença permanente da Força Nacional na área como forma de garantir a proteção das famílias indígenas. Para acompanhar a situação dos Guarani Kaiowá acesse www.solidariedadegarani-kaiowa.wordpress.com.

Blogueira Yoani Sánchez é repudiada em SP

Na quinta-feira, dia 21/2, em frente à Livraria Cultura, manifestantes do movimento paulista de solidariedade a Cuba organizaram, com a presença de demais ativistas e movimentos sociais, um protesto contra a blogueira Yoani Sánchez. Ela é uma conhecida opositora da revolução cubana e veio ao Brasil com o apoio do Instituto Millennium, que agrega organizações, intelectuais e jornalistas conservadores do país.

A blogueria, desde que chegou ao Brasil, passou por diversos estados, como PE e BA, e enfrentou manifestações contrárias e a favor de seu blog. Mas na grande maioria dos casos ela foi rechaçada.

Comissão da Verdade SP divulga nota de repúdio

A Comissão da Verdade do Estado de São Paulo "Rubens Paiva" divulgou nota oficial em que repudia a nomeação de Carlos Alberto Augusto ao cargo de Delegado de Polícia de 2ª classe do município de Itatiba (SP), publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo.

O delegado é réu num processo criminal movido pelo Ministério Público Federal (MPF/SP), pelo crime de sequestro qualificado do corretor de valores Edgar de Aquino Duarte, em junho de 1971. Junto com ele, são réus

o coronel reformado do Exército Carlos Alberto Brilhante Ustra, comandante do Doi-Codi no período de 1970 a 1974 e o delegado aposentado Alcides Singillo. A denúncia, movida pelo procurador Sérgio Suiama foi acolhida pela Justiça Federal em 23/10/12.

Carlos Alberto Augusto é acusado de envolvimento em desaparecimentos e de comandar sessões de tortura no Dops (Departamento de Ordem Política e Social), durante a ditadura militar (1964-1985).

No Dops, trabalhou de janeiro de 1970 a 1977 onde foi

apelidado de "Carlinhos Metralha", pois costumava andar pelos corredores do departamento portando uma metralhadora. Augusto era subordinado de Sérgio Paranhos Fleury, de quem defende a memória, organizando homenagens, como uma missa convocada para celebrar 30 anos da morte de Fleury, ocorrida em 2009.

Augusto ajudou a organizar o massacre da Chácara São Bento, em Pernambuco, em 1973, quando seis militantes da organização VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) foram executados.

Ivo Herzorg cria petição contra Marin

O filho do jornalista morto na ditadura militar Vladimir Herzog, Ivo Herzorg, criou uma petição pública para expulsão do presidente da Confederação Brasileira de Futebol, José Maria Marin, da entidade. Marin teria denunciado Herzorg, o pai, aos órgãos de informação e tortura da ditadura militar, a qual o atual manda chuva da CBF apoiava. Para ler e assinar a petição, só é acessar www.avaaz.org/pt/petition/Jose_Maria_Marin_Fora_da_CPF/?launch

ROLA NA RAMPA



Na Prainha, debatedores do tema proibido

"Democracia na América Latina" vetada por Anna Cintra

Na quinta-feira, 21/2, mais um ato autoritário de Anna Cintra reverberou na PUC-SP. A reitora mandou fechar o auditório onde ocorreria uma mesa de discussão sobre "Democracia na América Latina", parte da recepção de calouros organizada pelo CA 22 de Agosto.

Logo após saber da ordem da reitoria, os organizadores transferiram o debate para a prainha, e fizeram uma manifestação espontânea de repúdio ao conjunto de ações e atos da reitora que ficou conhecido como AI Cintra, em referência aos atos institucionais dispostos

na ditadura militar.

Além de membros do CA de Direito, representantes de demais centros acadêmicos, de coletivos estudantis e da diretoria da Apropuc estiveram presentes na manifestação.

Depois, o debate sobre "Democracia na América Latina" começou com a presença dos convidados Elias Novellino, Claudio Finkelstein e Hector Mondragon (foto). No dia seguinte, pela manhã, o debate sobre Democracia na PUC-SP também foi transferido para a Prainha, já que o auditório continuou fechado.

Novo horário do plantão jurídico da AFAPUC

O atendimento jurídico da AFAPUC agora acontece nas quartas-feiras, entre 11h e 14h, com o professor e advogado Rodrigo Prioli. Para informações sobre o atendimento, ligar para 3670-3391 ou enviar email para afapuc@gmail.com.

Filosofia e Universidade em debate na PUC-SP

O programa de pós-graduação em Filosofia e o grupo de pesquisa em Ética e Filosofia Política promovem no dia 1º/3, às 19h30, uma conferência com o

professor Roberto Machado, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o tema A Filosofia e a Universidade, na sala 239, no 2º andar do Prédio Novo.

Anna Cintra se reúne com secretário de segurança

Na quinta-feira, 14/2, a reitora imposta Anna Cintra esteve em reunião com o secretário de segurança pública Fernando Grella Vieira e com o secretário adjunto Antonio Carlos da

Ponte. Segundo a interventora, alguns dos funcionários da SSP são docentes da universidade e vão ajudar a "manter a ordem" com os conhecimentos obtidos na secretaria.

Videoteca organiza exposição sobre culturas indígenas

A Videoteca da PUC-SP e o projeto Interarte Cultura convidam para a exposição "Eu (Te) apago, tu (me) apagas e nós (nos) apagamos", de Terezinha Chiri e Cláudia Campos, que aborda de maneira poética e crítica o conceito do apagamento do meio-ambiente e das culturas indígenas. A abertura

da exposição aconteceu no sábado, dia 23/2, e ficará disponível até o dia 27/3, no Espaço Cultural da Biblioteca Nadir Kfoury, no campus Monte Alegre. Para informações sobre a organização, ligue para 3670-8021 ou acesse o site da Videoteca em www.pucsp.br/videoteca.

Curso Inglês Oral seleciona novos alunos

O curso de extensão "Inglês Oral", oferecido pela Cogee na PUC-SP, que tem como foco principal a fala e compreensão oral da língua inglesa, terá processo seletivo para as novas turmas no dia 2/3, na Cogee (Rua da Consolação, 881, entre 9h e 11h), e dia 9/3 no campus Monte Alegre, na sala 69, no

térreo do Prédio Novo, entre 9h e 12h. O curso é composto por nível introdutório e outros 10 níveis, além de níveis de Conversação Avançada. Para mais informações sobre o curso e o processo seletivo, ligue para 3124-9600 ou acesse o site <http://cogee.pucsp.br/cogee/curso/139>

Inscrições para bolsa-alimentação vão até dia 28/2

Até o dia 28/2 é possível se inscrever para as seis vagas remanescentes do programa de bolsa-alimentação (100% do valor para o bandeirão do

Restaurante Facultativo, no campus Perdizes). Para informações sobre o benefício, acesse o site do programa em www.pucsp.br/bolsaalimentacao.